

Economia.

**Crédito engorda
renda de avicultor
no Estado**
Pág. 26

EDITORA:
ELAINE SILVA
ecferreira@redgazeta.com.br
Tel.: 3321.8327
agazeta.com.br/dinheiro

gazetadinheiro

O DRAMA DA INDÚSTRIA SALÁRIO DE OPERÁRIOS SOBE, E PRODUÇÃO SÓ CAI

Custo do trabalho cresceu 13% em 3 meses; há risco de cortes

ABDO FILHO
afilho@redgazeta.com.br

A forte queda de produção registrada pela indústria do Espírito Santo nos primeiros meses de 2013 fez explodir os custos do setor. Entre janeiro e março deste ano, o custo do trabalho da indústria geral no Espírito Santo subiu 13,1% ante o mesmo período de 2012. Na segmento de transformação, um salto ainda maior, de 18,6%. A variação fica bem acima da registrada na média nacional: 1,6% no geral e 1,1% na indústria de transformação. Os números são do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e da Federação das Indústrias do Estado (Fines).

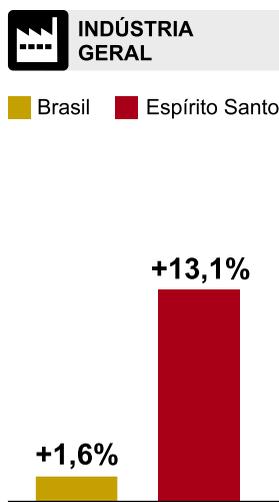
Enquanto a produção industrial capixaba encolheu 11,5% no primeiro trimestre, a folha de pagamento média mensal subiu 4,1%. Ou seja, o salários aumentou, mas a produção não acompanhou. Com menos produto e mais gasto, outro indicador básico da economia, a produtividade, vai lá para baixo. Foi o que aconteceu no Espírito Santo nos primeiros três meses do ano. No geral, enquanto o indi-

SETOR SOFRE

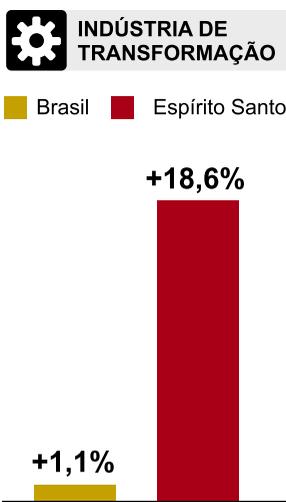
Com queda da produção industrial, custo unitário do trabalho dispara no Espírito Santo

CUSTO DO TRABALHO

Variação acumulada no primeiro trimestre de 2013 em relação ao mesmo período de 2012



Fontes: IBGE e Fines



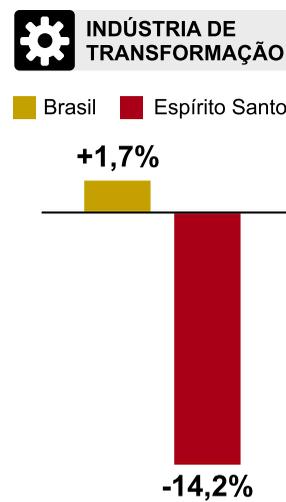
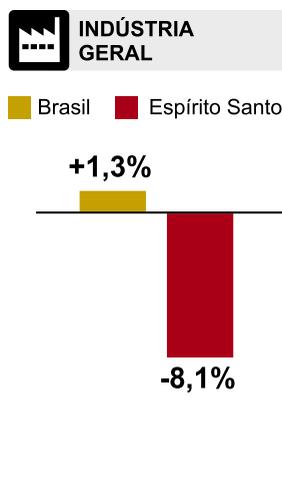
cador nacional subiu 1,3%, o local despencou 8,1%. Na transformação, uma situação ainda pior, queda de 14,2% no Estado e alta de 1,7% no Brasil.

“Tivemos uma forte queda na produção (provocada pela crise econômica) nos primeiros meses do ano (-11,5%) ao mesmo tempo que nossa folha de pagamento subia

(4,1%). O nível de pessoal ocupado nos primeiros meses de 2013 recuou apenas 3,7%, enquanto a produtividade caiu 8%. Ou seja, a produtividade foi lá para baixo, mas a indústria praticamente não demitiu e ainda houve os reajustes salariais”, explicou o diretor-executivo do Instituto de Desenvolvimento Educacional e In-

PRODUTIVIDADE INDUSTRIAL

Variação acumulada no primeiro trimestre de 2013 em relação ao mesmo período de 2012



A Gazeta - Ed. de Arte - Gilson

dustrial do Espírito Santo (Ideies), Doria Porto.

Diante deste cenário, há dois caminhos: ou a produção industrial volta a crescer ou as demissões serão aceleradas. Segundo o presidente da Fines, Marcos Guerra, desde novembro do ano passado, as empresas estão fazendo malabarismo para segurarem profissionais.

“Nossa força de trabalho é pouco qualificada, ninguém quer demitir um funcionário treinado. Mas, diante destes custos e desta produção, vamos ter que dispensar neste segundo semestre. No ano passado, vários segmentos, por decisão da Justiça, tiveram de dar reajustes salariais muito acima da realidade. A construção civil teve de dar 14%.

Nossa competitividade está abaixo da média nacional”.

Aristóteles Passos Costa Neto, presidente do Sindicato da Indústria da Construção Civil, afirma que o seu setor pena há anos com aumentos acima da produtividade. “Ano passado fomos obrigados a dar 14%, neste ano, 9,5%, além dos benefícios. O problema é que não temos contrapartida por parte da produtividade. O custo do trabalho no Estado está muito alto, a situação é muito preocupante, empregos e investimentos estão sob risco”.

Apesar do momento complicado, o presidente da Fines acredita num segundo semestre melhor. “Sou sempre otimista, acho que devemos nos recuperar nos próximos meses, principalmente a indústria de transformação, mas não sei qual é ponto de equilíbrio para que demissões sejam evitadas”.

Entre janeiro e maio, a indústria capixaba acumula queda de 10%. Depois de cinco meses de queda, a produção teve variação positiva em abril (0,65%), mas voltou a cair no mês retrasado, -0,3%.

Baixa qualificação desacelera desempenho

Em 2011, a hora de trabalho na indústria era de US\$ 11,65 no Brasil, quase o dobro dos US\$ 6,48 do México, mas abaixo dos US\$ 15,91 da Argentina, segundo dados do Escritório de Estatísticas do Trabalho dos

EUA (BLS, na sigla em inglês). Os números são bem menores que os de países desenvolvidos como Estados Unidos (US\$ 35,53), França (US\$ 42,12) e Alemanha (US\$ 47,38).

Ao mesmo tempo, dados

da instituição de pesquisa americana The Conference Board apontam que o desempenho da produtividade no país está aquém do de outros emergentes. Em 2012, a produtividade no Brasil caiu 0,3%, na contra-

mão do crescimento de 1,8% no mundo e de 4,8% nas maiores economias emergentes. O comportamento do país foi classificado pela entidade como um “declínio dramático”. O Brasil já vinha registrando

desaceleração: a expansão da produtividade, que tinha sido de 4,1% em 2010, caiu para 0,7% em 2011.

A falta de mão de obra qualificada e a disputa por pessoal com o setor de serviços, o mais dinâmico da economia, fez cair a produtividade da indústria. Apesar da queda da produção

de 2,7% em 2012, o quadro foi reduzido em 1,4%, e os salários subiram 4,3%.

Para especialistas, qualificação, ambiente regulatório menos espinhoso e investimento em equipamentos são alguns dos aspectos que deveriam melhorar no país para garantir maior produtividade.